

O TEXTO E O ENSINO DA LÍNGUA¹

Aira Suzana Ribeiro Martins (CPII)

Resumo: Muito se discute sobre a dificuldade dos estudantes em interpretar satisfatoriamente e redigir um texto de forma coerente e coesa. Alguns acreditam que essas competências podem ser adquiridas com o hábito de leitura. Sem dúvida, a prática de leitura é essencial para o desenvolvimento da compreensão leitora e da escrita, porém essa atividade não é suficiente para que o indivíduo seja capaz de perceber o funcionamento da língua e refletir sobre ela. Com o conhecimento da Gramática, o indivíduo será capaz de reconhecer as características dos vários usos a que a língua se propõe e ter a habilidade de empregar o registro adequado às necessidades comunicativas. Nesse sentido, nosso trabalho pretende refletir sobre a necessidade do ensino da Gramática para que o aluno adquira condições de, futuramente, buscar informação, de forma autônoma, em diferentes fontes. Para que esse objetivo seja alcançado, é necessário que a reflexão sobre os usos da língua seja constante, tendo o texto como base. Desse modo, propomos, neste texto, uma atividade de leitura associada ao estudo dos elementos linguísticos. Tencionamos, com tal prática, que o aluno perceba a função da língua na construção do texto e faça uma reflexão sobre seus usos. Acreditamos, ainda, que atividades como essa contribuam para o respeito às variedades linguísticas e a compreensão da necessidade de adequação do registro às diferentes situações por parte do aluno.

Palavras-chave: Leitura; Compreensão; Conhecimento linguístico.

Abstract: There is much discussion about students' difficulty in satisfactorily interpreting and writing a text in a coherent and cohesive way. Some believe that these skills can be acquired through the habit of reading. Without a doubt, the practice of reading is essential for the development of reading comprehension and writing. However, such activity is not sufficient for an individual to be able to notice and reflect on the way a language works. Through the knowledge of Grammar, an individual may be able to recognize the characteristics of the various forms a language may be used and have the skill to employ a language register that is adequate to certain communicative needs. In this sense,

1 Título do artigo em inglês: "TEXTS AND LANGUAGE TEACHING"

our work intends to reflect on the need of teaching Grammar, so that, in the future, students may be able to seek information in an autonomous way, and from different sources. In order for this objective to be achieved, reflection on the uses of the language must be continuous, and texts must be used as bases. In this way, we propose in this text a reading activity associated with the study of linguistic elements. Through such practice, we intend students to notice the function of the language in the construction of texts and reflect on its uses. We also believe that activities such as this one contribute to respect for linguistic varieties and the student's understanding of the need to adapt the language register to different situations.

Keywords: Reading. Comprehension. Linguistic knowledge.

INTRODUÇÃO

Atualmente, graças ao desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, a escola passou a admitir a questão da heterogeneidade da língua. Como observa Antunes (2007), a língua é parte de nós mesmos, faz parte de nossa identidade cultural, histórica e social. A falta de conhecimento linguístico nos priva de perceber e valorizar fatos importantes de nossa cultura, que podem ser desvalorizados e até excluídos.

Observa-se, em nosso país, uma grande riqueza de culturas, com seus hábitos e falares, tornando evidentes as diferenças linguísticas. De acordo com Bechara (2002), essas diferenças, que ocorrem em qualquer língua, podem ser diatópicas, diastráticas e diafásicas, ou seja, são ligadas à região geográfica, ao estrato social e ao contexto de interação social.

A compreensão das diferenças linguísticas e culturais fez com que a escola se tornasse menos rígida em relação à variante linguística empregada nas salas de aula. O compromisso em levar o aluno ao domínio do registro culto da língua permanece o mesmo, entretanto, compreende-se que a língua se define como um “fenômeno social”, de acordo com as palavras de Antunes (2009, p.21), como “uma prática de atuação interativa dependente da cultura e de seus usuários”. A autora ainda se refere ao caráter político, histórico e sociocultural assumido pela língua, que ultrapassa seu sistema. Podemos entender, portanto, que a escola é o espaço onde se apresentam os diversos modos de fala e escrita e, inclusive, a língua no seu registro culto.

Como a mesma autora observa, a língua é um conjunto de falares que atendem às exigências dos diversos contextos. Desse modo, a instituição escolar não pode permanecer no cultivo de situações ideais e não reais. É importante que os diversos gêneros textuais, com seus respectivos registros de língua, sejam trabalhados pelos alunos no espaço escolar. Esse procedimento permite que o professor apresente ao aluno a riqueza de nossa cultura e, ao mesmo tempo, os diferentes usos da língua, desfazendo os conceitos de “certo” e de “errado”. É interessante que o estudante tenha

clara a noção de adequação e inadequação, considerando as possibilidades de uso de todos os registros. Com isso, haverá a compreensão de que atitudes intolerantes de ridicularizar ou menosprezar colegas com um falar diferente da maioria não podem acontecer em nenhuma hipótese, pois todos os registros são válidos, já que fazem parte de nossa cultura. O conhecimento de textos em diferentes estilos de língua enriquece o repertório linguístico e cultural do aluno, como também estimula o respeito às diversas manifestações artísticas.

Como sabemos, a questão da leitura e da escrita em nosso país é um problema que se arrasta ao longo dos anos. De acordo com dados divulgados no ano de 2016 pelo Inep, o Brasil é um dos dez países com alunos de baixo aproveitamento em Leitura e Matemática.

Outras pesquisas feitas pelo mesmo órgão do governo federal informam que 50% dos jovens que finalizam o Ensino Médio apresentam grande dificuldade de escrever um texto simples e de compreender de forma satisfatória uma escritura. Há diversos fatores que contribuem para que os quadros apontados pelas duas pesquisas não se alterem.

Embora pessoas ligadas ao Ministério da Educação anunciem algum avanço consistente de aproveitamento

nas primeiras séries do Ensino Fundamental, temos certa dúvida em relação a isso, pois, como os mesmos especialistas afirmam, a melhoria do aproveitamento dos alunos nas séries iniciais resultaria em melhores resultados no segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Como as pesquisas informam, não houve tal mudança, logo, a situação nas séries iniciais não deve ter melhorado verdadeiramente. Como professores de escola básica, sabemos que os problemas de alfabetização dos alunos vão se arrastando ao longo dos anos. Isso se deve, entre outros fatores, à má formação de professores do Ensino Fundamental e também de professores dos outros segmentos da Escola Básica.

Para um professor ter uma boa atuação, é necessário, antes de tudo, que tenha domínio do conteúdo que leciona. É necessário também que esse profissional seja capaz de estabelecer um diálogo entre os conhecimentos teóricos e os procedimentos metodológicos. Uma aula bem planejada, com atividades relevantes, que estimulem o questionamento e o debate, contribuirá para uma verdadeira aprendizagem.

O Censo Escolar de 2015, que abrangeu escolas municipais, estaduais e particulares, revelou que 54% dos professores do segundo segmento do Ensino Fundamental não têm formação em, pelo menos, uma disciplina que lecionam.

No Ensino Médio, o quadro não é muito diferente, pois cerca de 46% dos professores lecionam pelo menos uma disciplina sem terem recebido, para isso, qualquer tipo de formação. Há ainda professores que não têm formação em nenhuma das disciplinas que lecionam: são cerca de 41% nas últimas séries do Ensino Fundamental e 32% no Ensino Médio. Como vemos, é urgente que medidas sejam tomadas para que o quadro da Educação em nosso país se modifique. Primeiro, é necessário que os cursos de formação continuada sejam realizados efetivamente e com certa frequência. É importante, também, que os cursos de formação de professores capacitem o futuro mestre para o trabalho em sala de aula.

De acordo com Neves (2004, p.25), “a chave para algum progresso é uma só: a inserção das propostas em bases desenvolvidas pela ciência linguística, respaldadas em princípios e em métodos que salvam do diletantismo e do amadorismo”. A observação da pesquisadora vem ao encontro de um fato que trouxe grande preocupação, pois, como o próprio Ministério da Educação divulgou, percebe-se certo amadorismo na Educação de nosso país, já que cerca da metade dos professores não tem a formação mínima para lecionar pelo menos uma disciplina dentre as que estão sob

sua responsabilidade. É urgente a mudança desse quadro que se observa na Educação pública do país. Partindo do princípio de que todas as disciplinas são importantes para a formação do estudante, as Secretarias de Educação não podem resolver o problema da falta de professores, em determinadas disciplinas, com a imposição de um trabalho de improviso.

É necessário que os professores tenham a formação necessária para o exercício da profissão e, ainda, sejam leitores, pois qualquer conteúdo pedagógico necessita da leitura para ser aprendido.

No estudo da língua, consideramos importante a capacidade do estudante em fazer uma leitura efetiva do texto, observando os elementos linguísticos essenciais para a tessitura textual. Desse modo, propomos, neste texto, o trabalho com um texto do gênero fábula, com o objetivo de chamar atenção do aluno para a importância da gramática para sua compreensão.

A GRAMÁTICA E A BUSCA DE SENTIDO DO TEXTO

Sabemos que na disciplina Português a gramática é o personagem indesejado, já que é considerada um elemento à parte, desvinculado do uso da linguagem. É muito frequente a utilização do texto para o estudo de um aspecto gramatical, sem que se observe seu efeito no texto.

Conforme observa Antunes (2014), as teorias sobre o texto e os avanços das pesquisas de Pragmática tiveram grande repercussão nos estudos sobre a linguagem. Em virtude disso, as orientações oficiais e acadêmicas sobre o ensino da língua passaram a se concentrar no uso da língua, em textos orais e escritos.

De acordo com Neves (2004), é necessário que o professor tenha condições de dar um tratamento mais científico às atividades de linguagem na escola. Segundo a autora, o professor pode, a partir da pesquisa linguística, utilizar uma metodologia na qual se valorizem o uso linguístico e o usuário da língua, possibilitando um trabalho com a gramática. Esse trabalho deve ter a finalidade de atingir o usuário, no caso, o aluno. A mesma pesquisadora ressalta que o objeto de investigação deve ser a língua em uso, como vimos anteriormente, considerando que é na interação que se usa a língua e se produzem textos. Nessa perspectiva, as aulas de Português devem se concentrar na construção de sentido do texto.

De acordo com as propostas de Antunes (2014) e Neves (2004), defendemos a ideia da necessidade do ensino da gramática de forma reflexiva, a partir dos usos encontrados nos textos. Desse modo, nas aulas de Português, os fatos da

língua poderão ser analisados no texto, ou seja, a gramática assumirá o papel de conduzir o leitor na busca do sentido de uma escritura. Esse procedimento fará com que se estabeleçam as relações entre o uso da língua e a explicitação gramatical, como lembra Neves (2004).

Antunes (2014) sugere que o professor trabalhe com a gramática contextualizada, isto é, sua proposta é a de que o texto e não a gramática seja o centro ou o eixo do programa. Assim, o texto será o elemento de comando e, de acordo com a autora, a abordagem em que se opta pela busca do sentido do texto a partir dos elementos linguísticos, leva o aluno a perceber a importância da gramática.

Acreditamos que o trabalho com base na gramática contextualizada seja um caminho para levar o aluno ao hábito de reflexão sobre a língua e ao hábito de sua utilização de modo consciente, de acordo com suas intenções comunicativas. Para que tal proposta se concretize, é necessário que o aluno faça a leitura de textos em diversos gêneros e em variados registros linguísticos.

Nas próximas linhas, apresentaremos uma proposta de trabalho com um texto, no qual se fará um estudo das ocorrências gramaticais, a partir dos valores, funções e efeitos que esses elementos provocam na escritura.

O TEXTO

Selecionamos uma fábula de Sérgio Capparelli (2008) para uma atividade de leitura com turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. A escolha do texto se deve ao fato de o gênero fábula fazer parte do conteúdo programático desse período escolar e também porque o texto é contemporâneo, no qual o autor faz uma releitura da fábula tradicional. Consideramos também a coloquialidade da linguagem e o humor da história, além da possibilidade de um trabalho com a gramática do texto e seus efeitos de sentido.

Na obra da qual se extraiu este texto vemos diversas paródias, ou seja, textos que promovem um diálogo, de forma irônica, com as fábulas tradicionais.

Vejamos o texto:

O direito do anzol

A Linha e o Anzol estavam no fundo do rio esperando os peixes. Mas a Linha sempre parecia descontente.

– Se eu soubesse que você era assim, todo torto, eu não teria vindo pescar, Anzol. Porque ando sempre na linha e sou muito direita.

Ora o Anzol ficava parado, ora balançava nas águas claras do rio. O tempo todo ele pensava numa resposta para dar à Linha.

Disse, enfim, pelo canto da boca, como os ventríloquos:

– Sei disso, Linha, mas se eu fosse direito, não pegaria peixe e eu fui criado para pegar peixes.

A linha deu de ombros, e, ao dar de ombros, fez balançar o Anzol e a isca. Um bagre que vinha passando ficou entusiasmado. Deu uma segunda beliscada e levou um susto, a isca sumiu de repente, puxada para o alto.

Pouco depois a isca voltou e o bagre, entusiasmado, abocanhou-a e sentiu que uma força irresistível o puxava para o alto.

O pescador tirou o peixe do Anzol e deixou a vara sobre a areia. O Anzol e a Linha, que também tinham levado um susto com a força da fisgada, retomaram o fôlego. Foi então que o Anzol disse para a Linha:

– O direito do anzol é ser torto.

CAPPARELLI, Sérgio. *30 Fábulas contemporâneas para crianças*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

Inicialmente, como observa Antunes (2014), ao focalizar as questões de gramática em um texto, deve-se considerar a escritura como um todo: seu tema global, sua finalidade central, sua informação básica em relação a outras complementares, o universo de referência em que se inclui, entre outros fatores. Isso significa, de acordo com a autora, que não se pode separar a dimensão gramatical de outras dimensões que contribuem para a significação do texto.

O texto de Capparelli faz parte de uma coletânea de fábulas para crianças, como o próprio título mostra, “30 fábulas contemporâneas para crianças”. Desse modo, é necessário que os leitores tenham conhecimento do gênero fábula e, ainda, de algumas fábulas tradicionais. Na introdução da obra, o próprio autor esclarece:

A fábula pode ser considerada uma história curta, cujos personagens são animais, plantas ou forças da natureza. Ela expressa valores, verdades ou percepções de um determinado grupo social sobre o mundo em que vive, satirizando ou persuadindo alguém. O fecho da fábula é a lição prática oferecida ao leitor. Nesse sentido, o que se narra nada mais é do que uma ilustração da lição de moral. (CAPPARELLI, 2008, p.7)

Essas informações presentes na introdução do livro são bastante esclarecedoras para um leitor mais jovem. Portanto, é importante que o professor faça a leitura de todas as partes do livro com o aluno, para que ele adquira esse hábito. A leitura inclui todo o projeto gráfico da edição, como a capa, as cores, a ilustração, com a identificação de seu autor, pois, como sabemos, todos os elementos presentes numa obra representam informações.

Como observamos anteriormente, é recomendável que o aluno já tenha conhecimento do gênero que vai ser lido. A fábula contemporânea consiste numa paródia do gênero original, portanto, é importante que o aluno tenha conhecimento da fábula tradicional para que a leitura da paródia seja mais rica e participativa. A leitura de “O direito do Anzol” representa um enriquecimento das leituras já feitas.

Como observa Sant’Anna (1995), na paródia o autor inaugura novos padrões, estabelecendo uma nova maneira

de ler o convencional, sem deixar de dialogar com o texto original. Caparelli, de forma bem didática, explica, na introdução de sua obra, o que vem a ser uma fábula contemporânea:

Este livro aproxima a tradição das fábulas e dos provérbios. Para escrevê-las, invertei os procedimentos. Em vez de contar uma história e fazer uma síntese dela numa lição de moral, parti de uma sentença de caráter prático e popular – o provérbio –, criando, a seguir, uma história. Segui o caminho inverso, portanto, indo de uma síntese cristalizada na tradição popular para uma história – contemporânea – que poderia muito bem estar por trás dessa síntese. (CAPPARELLI, 2008, p.8)

Como vemos, o autor, na abertura da obra, de forma bem didática, fornece informações sobre o gênero de texto encontrado no livro, partindo da fábula tradicional para, progressivamente, chegar à fábula moderna. Essas informações são acrescidas de comentários bem humorados sobre os ensinamentos morais das fábulas.

REFLETINDO SOBRE OS SENTIDOS DO TEXTO

No estudo da língua, existe a diferença entre léxico e gramática. As aulas de Português, via de regra, se concentram no estudo da gramática. Conforme observa Antunes (2014), não se pode separar a dimensão gramatical das outras

dimensões que são responsáveis pela significação do texto. A nossa tradição de ensino separa a língua do uso, isto é, a gramática é desarticulada do funcionamento da língua.

É importante que se considere o papel desempenhado pelo léxico no texto, já que sua seleção não é aleatória. Antunes (2009) considera o vocabulário de um texto um elemento de sua construção ou arquitetura.

Na leitura do texto “O direito do anzol”, inicialmente, é necessário observar os elementos fraseológicos, ou seja, as expressões populares ou provérbios que fazem parte do acervo cultural de um povo. O texto de Sérgio Capparelli (2008) gira em torno da seguinte frase popular: “O direito do anzol é ser torto”. Portanto, é necessário, inicialmente, conhecer o significado da expressão sobre a qual está construído o texto.

Como lembra Vilela (2002), o provérbio faz parte de um sistema fechado, é o discurso do dever e do fazer. O provérbio ou dito popular faz parte da sabedoria popular, com aspectos formais predominantes, como estrutura binária, ritmo e assonâncias. A frase que dá origem à fábula de Sérgio Capparelli, “O direito do anzol é ser torto”, é bastante utilizada nas situações do dia a dia e, assim, a leitura desse texto dá margem ao professor de criar situações que levem o aluno a refletir sobre o sentido metafórico dos ditos populares e discutir, ainda, as verdades estabelecidas por essas frases.

É interessante observar que a estrutura binária do provérbio se mantém na frase utilizada pelo autor para elaborar o texto. Vemos a presença do par opositivo “direito” e “torto”. No caso do Anzol, seu comportamento íntegro é manter-se torto, pois, caso contrário, perderia sua função.

A seleção lexical tem uma importante função na fábula analisada, pois, como lembra Antunes (2012), há diversos fatores que condicionam a escolha das palavras numa atividade discursiva. Os fatores que influenciam a seleção lexical vão desde as intenções e os sentidos a serem expressos até a natureza dos espaços e eventos sociais em que a atividade discursiva se insere.

A resposta do Anzol também tem mais de um sentido: “– Sei disso, Linha, mas se eu fosse direito, não pegaria peixe e eu fui criado para pegar peixes.” No sentido preciso, se o Anzol tivesse outra aparência, não teria condições de desempenhar a função de pegar peixes. Metaforicamente, se ele fosse correto, isto é, direito, como a linha se declara ser, não seria capaz de pegar um animal para ser morto. Assim, o Anzol, de certa forma, faz uma crítica à Linha, pois, se ela é direita, como se define, não poderia ser parte de um objeto feito para preparar armadilha para peixes.

É interessante observar a exploração das várias possibilidades do uso das palavras, como o personagem

“Linha” que andava “na linha”. Vemos que o substantivo serviu tanto para nomear o objeto como para compor uma expressão de modo.

Como vemos, o uso polissêmico dos adjetivos “torto” e “direito” é uma pista para a decifração do sentido do texto.

Em relação aos fatos gramaticais, poderíamos destacar, primeiramente, os substantivos. Vemos, na história, que os nomes Linha e Anzol recebem letra maiúscula. O emprego desse tipo de letra marca a importância dos personagens na história. Como informa Bechara (2015), podemos iniciar com letra maiúscula nomes personificados ou individuados. Na fábula de Capparelli (2008), esses substantivos são destacados, enquanto os outros, pelo fato de terem um papel secundário na narrativa, não são individuados. É importante discutir esse recurso com o aluno, pois foi a forma de o autor informar para o leitor os personagens que ocupam um papel de destaque na história. Com base nessa informação, o leitor pode perceber também que os personagens bagre e pescador são secundários, não necessitando de um recurso, textual ou gráfico, que lhes dê proeminência no texto.

Considerando, ainda, o uso da letra maiúscula, podemos refletir também sobre o fato de o substantivo “anzol” ser grafado com letra minúscula no título e na frase que representa a moral da fábula. Nesse caso, podemos lançar

mão dos conceitos gramaticais. O substantivo comum, segundo Bechara (2015, p.67) é “o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características comuns inerentes à dada classe”. Em relação à fábula em análise, o substantivo empregado se refere, de forma genérica, ao objeto “anzol”, cuja natureza é ser torto. A história se aplica a qualquer anzol.

É interessante observar que os substantivos “anzol” e “linha”, personificados, são acompanhados do artigo definido. A presença do artigo demonstra certa familiaridade fazendo referência a seres de conhecimento comum ao narrador e ao leitor. Assim como os referentes “anzol” e “linha” são acompanhados do artigo definido, os outros atores da história são também acompanhados do artigo definido, como “isca” e “pescador”. Como vemos, na história, há o pressuposto de que o leitor tenha conhecimento de todos os elementos que compõem o cenário de uma pescaria.

De acordo com a fala da Linha e a fala do próprio Anzol, depreende-se que o nome “direito” tem o valor de um adjetivo, como mostram os excertos: “Porque ando sempre na linha e sou muito direita.”; “– Sei disso, Linha, mas se eu fosse direito, não pegaria peixe e eu fui criado para pegar peixes”. Outro emprego interessante do artigo aparece no título e na moral da fábula:

“O direito do anzol” e “O direito do anzol é ser torto”. Vemos que o artigo substantiva a palavra “direito”, que adquire outro sentido no contexto, isto é, passa a indicar o poder legítimo, moral ou legal de fazer algo.

Vemos, então, que a palavra “direito”, no texto, passa a ter mais de um significado. Esse fato pode ser percebido com base nos conhecimentos gramaticais.

Em relação ao personagem “bagre”, vemos o emprego tradicional do artigo, no referente indeterminado indefinido: “Um bagre que vinha passando ficou entusiasmado”. Na próxima passagem, em que há referência ao mesmo personagem, vemos o emprego do artigo definido: “Pouco depois a isca voltou e o bagre, entusiasmado, abocanhou-a e sentiu que uma força irresistível o puxava para o alto.” Como observamos, é possível fazer uma abordagem mais reflexiva dos elementos gramaticais, mesmo em séries iniciais do segundo segmento do Ensino Fundamental.

O texto de Capparelli (2008) oferece, ainda, ao aluno, oportunidade de observar os interessantes efeitos de sentido produzidos pelos recursos linguísticos empregados. Chamamos atenção para a noção de causa e efeito produzida pela repetição da expressão “dar de ombros” na seguinte passagem: “A linha deu de ombros, e, ao dar de ombros, fez

balançar o Anzol e a isca”. Podemos discutir com o aluno as intenções da repetição da expressão, a despeito de a língua dispor de outras possibilidades para evitar essa ocorrência. No texto “O anzol e a linha” a repetição serve para dar ênfase à atitude arrogante do personagem e ao acontecimento decorrente desse comportamento.

Outro aspecto gramatical que pode ser explorado no texto de Capparelli é a presença da conjunção alternativa. Esse conector representa um importante recurso linguístico que contribui para o desenvolvimento da história. Vejamos a passagem em que ela aparece: “Ora o Anzol ficava parado, ora balançava nas águas claras do rio. O tempo todo ele pensava numa resposta para dar à Linha”. A presença do conectivo alternativo “ou” que mostra a alternância de comportamento pode revelar certa angústia causada pela urgência de uma resposta à provocação do outro personagem. O verbo no pretérito imperfeito reforça a ideia de longo tempo em que o Anzol buscou encontrar uma resposta para a provocação da Linha. A frase “O tempo todo ele pensava numa resposta para dar à Linha.” contribui como um pano de fundo para compor o cenário da narrativa.

Por fim, é necessário chamar atenção para as expressões adverbiais presentes na história. São elas: “no fundo do rio”, “nas águas claras do rio”, “sobre a areia”. Essas expressões

contribuem para compor o cenário da narrativa, revelando o lugar onde a cena se passa. A expressão “para o alto”, que aparece mais de uma vez, dá ideia da mudança brusca do lugar do cenário. A expressão “de repente” colabora para a ideia do acontecimento inesperado que aparece para quebrar a expectativa do leitor e dar progressão à narrativa. O advérbio “sempre”, que faz referência ao comportamento da Linha, aparece tanto na fala do personagem como na intervenção do narrador: “Mas a Linha sempre parecia descontente”. “Porque ando sempre na linha e sou muito direita” Essa repetição produz o interessante efeito de mostrar a constância do comportamento intransigente do personagem. É interessante a iconicidade presente nos personagens: a Linha que se mostra esticada, reta, tinha um comportamento exemplar, andava na linha; o Anzol que tem a aparência curva, não andava na linha aos olhos do outro personagem, Linha. O comportamento de cada um fazia parte de sua natureza.

Como vimos, os fatos gramaticais utilizados no texto são necessários para as intenções comunicativas do autor. Conforme observa Antunes (2014), é desejável que o aluno tenha conhecimento gramatical, porém o objetivo principal das aulas de Português deve ser o ensino da leitura e da escrita. É desejável também que o processo de escolaridade promova a ampliação do repertório cultural dos alunos

e, por fim, espera-se que o aluno adquira maturidade para a investigação científica, incluindo, nessa etapa, o conhecimento da língua. Espera-se que o domínio dessas habilidades seja finalizado nos últimos anos da escola básica.

Com uma metodologia adequada, é possível que todas essas etapas, ou seja, o ensino da leitura, da escrita e o conhecimento dos fatos gramaticais e, ainda, a ampliação do repertório sejam trabalhadas concomitantemente, de forma progressiva. O ensino da gramática é necessário. Entretanto, como assinala Antunes (2014), é importante que, ao explorar as questões gramaticais, o professor conduza o aluno a uma reflexão sobre as condições de uso dos itens gramaticais e os efeitos discursivos possibilitados pela utilização desses itens. Isso faz com que a nomenclatura gramatical seja um recurso e não um fim ou, até mesmo, um objeto isolado de estudo ou de avaliação. Devemos considerar que o mais importante é levar o aluno a refletir de forma crítica sobre o real funcionamento da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola deve promover, sempre que possível, nas aulas de Português, a reflexão crítica sobre o real funcionamento da língua. É interessante que nas práticas de leitura busquemos sempre auxílio de fatos da língua para comprovar as reflexões sobre o texto, para que, com isso, o aluno

compreenda a real função da gramática e abandone a ideia equivocada da falta de relação entre texto e gramática.

O hábito de uma leitura reflexiva, buscando a comprovação da interpretação nos fatos da língua, vai possibilitar um trabalho mais produtivo por parte do professor. Esse procedimento, ainda, vai levar o aluno à compreensão da importância do estudo da gramática.

Essa postura também vai ser importante para a produção textual, pois o estudante passará a ter consciência de que a gramática está a serviço do usuário da língua para produzir um texto coerente, coeso e com informatividade. Nas práticas de leitura é possível, ainda, ampliar o léxico do estudante, promovendo situações em que ele seja levado a empregar o vocabulário presente nos textos de leitura. Isso é possível no trabalho com a oralidade, na produção de esquetes sobre os temas presentes nos textos escritos ou reconto das histórias lidas. No caso específico da fábula, os alunos poderão elaborar esquetes com base em ditados populares.

Finalizamos nosso texto chamando atenção para o fato de que é possível fazer uma reflexão sobre o sentido de uma história, com base nos fatos gramaticais, com estudantes cujo conhecimento da língua seja mais incipiente. Desse modo, desde cedo, o aluno pode perceber a língua em seu real uso, como buscamos demonstrar no estudo do texto “O direito do anzol”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé (2007). *Língua texto e ensino*. Muito além da gramática. São Paulo: Editora Parábola.

_____ (2012). *Território das palavras*. São Paulo: Editora Parábola.

_____ (2014). *Gramática contextualizada*. São Paulo: Editora Parábola.

BECHARA, Evanildo (2002). *Ensino da Gramática: Opressão? Liberdade?* São Paulo: Editora Ática.

_____ (2015). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Record.

CAPPARELLI, Sérgio (2008). *30 Fábulas contemporânea para crianças*. Porto Alegre: L&PM Editores.

NEVES, Maria Helena de Moura (2004). *Que gramática ensinar na escola?* São Paulo: Editora Contexto.

SANT'ANNA, Afonso Romano (1995) *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Editora Ática.

VILELA, Mário (2002). *Metáforas de nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina.

Aira Suzana Ribeiro Martins possui doutorado pela UERJ - 2006. É professora de Português do Colégio Pedro II, onde leciona no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica. Atua também como supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição. Faz parte dos grupos de pesquisa LITESCOLO e SELEPROT. <http://lattes.cnpq.br/5782483080580976>

Recebido em 12 de maio de 2018.

Aprovado em 12 de setembro de 2018.